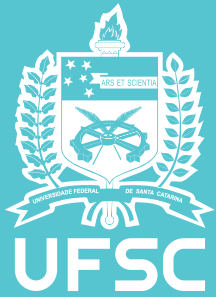


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
DISCIPLINA DE ANÁLISE DO DISCURSO
PROFESSOR ATILIO BUTTURI JR.**



INTRODUÇÃO À ANÁLISE DO DISCURSO

Helena H. Nagamine Brandão

CAPÍTULO I

Esboço Histórico

- com Maingueneau (1976): formalistas e análises «transfásticas» passam a estudar a imanência do texto - «nele e por ele mesmo» (p.13)
- cita anos 50: Harris(interfrástico e formal), Jakobson (embreantes e subcódigos) e Benveniste (enunciação - locutor usa o aparelho formal - locutor, enunciado e mundo)
- Orlandi (1986): duas direções para o discurso: extensão formal da linguística (EUA - texto e frase são apenas de complexidade distinta, mas formais); sintoma de uma crise do internalismo (sobretudo semântica)

Outros rompimentos com a Gramática:

- **Pragmática: linguagem em uso, segundo atos de sujeito**
- **Sociolinguística: variedades, sem atenção para embates sociais e políticos**

TENDÊNCIA EUROPÉIA: Orlandi (apud, p.15): «uma relação necessária entre o dizer e as condições de produção desse dizer»

- **traço fundamental: EXTERIORIDADE: exige um deslocamento teórico da imanência - há unidades que não se esgotam na linguagem apenas e que exigem complexidade**

A perspectiva teórica francesa

Maingueneau (1987):AD

- tradição europeia de texto e história - escritura e interdisciplinaridade (Tríplice Aliança - 60')
- prática escolar francesa - Culioli - Literatura forte e Ad acaba por ocupar espaço na «explicação escolar» do texto

Análise do Discurso: LINGUÍSTICO MAIS SOCIAL (p.16) - proliferam as análises de modo mais ou menos fluido.

QUAL A ESPECIFICIDADE INICIAL? Corpora tipologicamente marcados (textos de esquerda impressos). Inicialmente: «o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado» (p.17)

AD: PRESSUPÕE A LINGUÍSTICA DIANTE DAS CIÊNCIAS HUMANAS NASCENTES - DAÍ SUA ESPECIFICIDADE

Maingueneau (1987 apud, p.17, grifos meus) - dimensões características:

- o quadro das instituições em que o discurso é produzido, as quais delimitam fortemente a enunciação;
- os embates históricos, sociais etc. que se cristalizam no discurso;
- o espaço próprio que cada discurso configura para si mesmo no interior de um interdiscurso.

AD: EXIGE UMA COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA (SISTEMA INTERNO E FORMAL) E UMA COMPETÊNCIA EM RELAÇÃO À FORMAÇÃO IDEOLÓGICA - «COMPETÊNCIA SOCIOIDEOLÓGICA» (p.17)

AD UNE, portanto: linguístico e histórico

Como? Via dois conceitos fortes: DISCURSO (Foucault - «Arquelogia...») E IDEOLOGIA (Althusser - «Ideologia e AIE»)

RETOMAR IDEOLOGIA:

p.19 - Chauí explica aparecimento no século XIX com Destutt de Tracy (sinônimo de atividade científica) e o significado negativo dado por Napoleão aos «ideólogos franceses» p.19

EM MARX e ENGELS: SEPARAÇÃO DAS IDEIAS E DAS CONDIÇÕES REAIS; PRODUÇÃO DE IDEIAS LACUNARES, INVERTIDAS E ABSTRATAS POR CLASSE DOMINANTE, QUE DETÉM MONOPÓLIO DESSAS IDEIAS - É UM INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO DE CLASSE, NA FORMA DE UMA ILUSÃO - refere-se à ideologia capitalista/burguesa (p.20-22)

**EM ALTHUSSER: em «Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado»
(1969 - no texto, 70)**

**IDEOLOGIA: TEM AUTONOMIA RELATIVA E FUNÇÃO DE
REPRODUÇÃO**

**ESTADO: APARELHOS REPRESSORES E APARELHOS
IDEOLÓGICOS: A RELAÇÃO É OU DE MAIS REPRESSÃO OU DE
MAIS IDEOLOGIA**

**AIE: GARANTEM A HEGEMONIA, A DOMINAÇÃO. CRIAM AS
CONDIÇÕES DA REPRODUÇÃO DAS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO**

IDEOLOGIA: «EM GERAL»; «PARTICULARES» (p.25)

Ideologia Geral: funcionamento formal de toda ideologia particular, segundo três hipóteses

a) **«a ideologia é uma relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência»**

A relação não é mimética nem mecânica, mas **DE PRODUÇÃO DO REAL - DE IMAGINÁRIOS**

IMAGINÁRIO: PRODUÇÃO DOS HOMENS DIANTE DA IDEOLOGIA, SIMBOLIZADAS E DISTANTES, POR ISSO, DO REAL («alienação imaginária»)

b) **«a ideologia tem uma existência porque existe sempre num aparelho e na sua prática ou suas práticas»**

Porque existir não é ideal, mas sempre no interior de **APARELHOS (ESCOLA, FAMÍLIA, IGREJA, ESTADO, UNIVERSIDADE)** - nas práticas materiais, governadas, é que existe ideologia

c) «a ideologia interpela indivíduos como sujeitos» (p.25)

Funcionamento: a produção de UM RECONHECIMENTO, UMA UNIDADE DENTRO DE PRÁTICAS SOCIAIS QUE, POR SUA VEZ, TÊM LUGAR EM APARELHOS

Ideologia: só existe para sujeitos e porque existem sujeitos

Língua, Discurso e Ideologia (p.38)

**Pêcheux e Fuchs, no número 37 da *Langages* (1975 apud p.38, frifos meus):
quadro epistemológico da **Análise do Discurso****

1) o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e suas transformações;

2) a lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação;

3) a teoria do discurso [Foucault?], como teoria da determinação histórica dos processos semânticos [o SENTIDO PRODUZIDO IDEOLOGICAMENTE É A CHAVE DA AD**]**

Acrescentar: teoria da subjetividade «de natureza psicanalítica» (p.38) [sujeito cindido; constituição da subjetividade via linguagem]

Pêcheux - «Semântica e Discurso» - TEORIA MATERIALISTA DO DISCURSO CENTRADA NA SEMÂNTICA

1) PORQUE A SEMÂNTICA NÃO É UMA PARTE FORMAL DA LINGUÍSTICA (COMO FONOLOGIA E MORFOLOGIA), MAS O «PONTO NODAL»

2) É NA SEMÂNTICA QUE SE PODE OBSERVAR, CIENTIFICAMENTE, AS FORMAÇÕES SOCIAIS MATERIALIZADAS NA LÍNGUA

Pêcheux: critica 3 tipos de Linguística: formal (estrutural e gerativa, desde Port-Royal); histórica e sociolinguística (de Meillet a Labov); da enunciação (da «fala», de Jakobson a Benveniste)

QUAIS OS PROBLEMAS DAS 3: O FOCO FORMAL E SEUS DESVIOS (SOCIAL, FALA); A CENTRALIDADE DA QUESTÃO ENTRE ESTRUTURA E AUSÊNCIA TOTAL - AMBAS IDEALISTAS E, PORTANTO, IDEOLÓGICAS

PROPOSTA DE PÊCHEUX

Resolver, via semântica, a contradição (sistema e ausência)

Intervenção: teoria materialista: questões sobre os objetos do saber (das estruturas para o político e o histórico-social-ideológico); questões sobre a ciência linguística (seu estatuto científico) e as formações sociais

LÍNGUA: TRAZ QUESTÕES DE EXPLICAÇÃO FORMAL QUE SÃO TAMBÉM QUESTÕES DE ORDEM FILOSÓFICA E IDEOLÓGICA. [Exemplo: marcação de morfema zero para masculino]

LÍNGUA (Pêcheux, 1975, apud p.41): «a língua aparece como a base comum de processos discursivos diferenciados»

DUAS NOÇÕES FUNDAMENTAIS E OPOSITIVAS

- NOÇÃO DE BASE LINGUÍSTICA - LEIS INTERNAS MORFOLÓGICAS, SINTÁTICAS E FONOLÓGICAS

- NOÇÃO DE PROCESSO DISCURSIVO-IDEOLÓGICO - PROCESSOS SOCIAIS QUE SE DESENVOLVEM A PARTIR DA BASE, MAS QUE NÃO SÃO APENAS SEU USO «ACIDENTAL», COMO UMA «PAROLE»

**PROCESSO: A PARTIR DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS DE FOUCAULT
- REGRAS DE OBJETOS, CONCEITOS, ESTRATÉGIAS E MODALIDADES ENUNCIATIVAS**

**PROCESSO: SEMÂNTICO, LIGADO À IDEOLOGIA DE CLASSE
PORQUE: EMBORA A LÍNGUA FORMAL SEJA INDIFERENTES ÀS CLASSES, AS CLASSES NÃO O SÃO EM RELAÇÃO À LÍNGUA**

A LÍNGUA E OS PROCESSOS DISCURSIVOS

LÍNGUA

**Língua:
possibilidade
do discurso**

LÍNGUA

**Língua:
espécie de
invariante
pressuposta na
história**

DISCURSO

**Processos
Discursivos**

**Fonte de
Produção de
Efeitos de
Sentido**

Semânticos

DISCURSO

**Efeitos de
Sentido**

**Materializados
por meio da
língua**

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO (p.42-46)

CP: Courtine (1981): «origens»

a) da análise do conteúdo; b) da sociolinguística; c) da interessoalidade e da «situação» pensadas por Harris

Dois conjuntos de definições:

a) Courtine (1981 apud p.43): «as CPs do discurso tendem a se confundir com a definição empírica de uma situação de enunciação»

b) na AD, desde 1971, junto da FD (de Foucault)

Pêcheux (1969) - toma teoria informacional (Jakobson) - referente, canal e afins - e desloca «históricamente»

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO (p.42-46)

CP: Pêcheux (1969): não «organismos», mas sujeitos ideologicamente produzindo imaginários

- 1) a imagem do **lugar de A** para o sujeito colocado em A, com a pergunta "**Quem sou eu para lhe falar assim?**";
- 2) a imagem do **lugar de B** para o sujeito colocado em A, com a pergunta "Quem é ele para que eu lhe fale assim?";
- 3) a imagem do **lugar de B** para o sujeito colocado em B, com a pergunta "Quem sou eu para que ele me fale assim?";
- 4) a imagem do **lugar de A** para o sujeito colocado em B, com a pergunta "Quem é ele para que me fale assim?";
- 5) o "ponto de vista" de A **sobre R**, com a pergunta "**De que** lhe falo assim?";
- 6) o "ponto de vista" de B **sobre R**, com a pergunta "**De que** ele me fala assim?"

Pêcheux não rompe com o psicossociológico - parece «papel»

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO

(p.42-46)

Problema: psicossocialmente, apagam-se os efeitos da conjuntura histórica e acaba-se recorrendo à enunciação individual

Courtine: para não ser psicologizante, CP são as circunstâncias [discursivas] em que interagem os sujeitos do discurso - sujeitos que não são fonte, mas os efeitos da própria circunstância (já que sujeito é constituído ideologicamente no discurso)

(re)definição: CP: alinhada à análise histórica das contradições ideológicas presentes na materialidade dos discursos e articulada teoricamente ao conceito de formação discursiva

FORMAÇÃO IDEOLÓGICA E FORMAÇÃO DISCURSIVA

(p.46-52)

DISCURSO: instância de concretização da ideologia, de materialização

Pêcheux: interessado na **SUPERESTRUTURA IDEOLÓGICA** e na sua produção dominante das formações sociais

IMPORTANTE: INSTÂNCIA IDEOLÓGICA DETERMINADA «EM ÚLTIMA INSTÂNCIA» PELO ECONÔMICO

IDEOLOGIA: REPRODUZ BASE ECONÔMICA E RELAÇÕES DE PRODUÇÃO

Pêcheux (Althusser) - IDEOLÓGICO/INFRAESTRUTURAL COMO O «EXTERIOR» DA LÍNGUA

FORMAÇÃO IDEOLÓGICA E FORMAÇÃO DISCURSIVA **(p.46-52)**

SUJEITO: interpelação ideológica é fundamental, já que: faz com que indivíduo assuma o lugar no grupo/classe social determinado pela formação social; acredite, apesar da determinação, que é a **FONTE DOS SENTIDOS QUE FAZ CIRCULAR**

[Esquecimento (Pêcheux, 1969) número um – ideológico – é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia: ilusão de ser a origem do que dizemos, mas, na verdade, quando enunciamos, retomamos sentidos pré-existentes, mobilizamos palavras alheias. O esquecimento é estruturante, é parte da constituição dos sujeitos e dos sentidos]

FORMAÇÃO IDEOLÓGICA E FORMAÇÃO DISCURSIVA **(p.46-52)**

FORMAÇÃO IDEOLÓGICA: SOCIEDADE CIVIL SE ORGANIZA EM AIE; AS ALIANÇAS E POSIÇÕES IDEOLÓGICAS E POLÍTICAS NUM DETERMINADO MOMENTO HISTÓRICO - FORMAÇÕES IDEOLÓGICAS (DENTRO DE UMA «CONJUNTURA IDEOLÓGICA», NUMA FORMAÇÃO SOCIAL EM UM MOMENTO)

Haroche (1971 apud p.47): «cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras»

FORMAÇÃO IDEOLÓGICA (FI): MATERIALIZA DISCURSO: TEM VÁRIAS «FORMAÇÕES DISCURSIVAS»

[Pêcheux: «tudo o que pode e deve ser dito», numa FI, numa posição/conjuntura

FORMAÇÃO IDEOLÓGICA E FORMAÇÃO DISCURSIVA (p.46-52)

IMPORTANTE: p.48: é um conceito de Foucault **TRANSPORTADO**

FD: formalmente, tem dois tipos de funcionamento:

a) parafrástico: FD é um sistema de paráfrases, espaço de retomada conservadora de ditos anteriores para **PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE**

Orlandi (1984 apud): paráfrase X polissemia

b) via pré-construído: é tomado de Paul Henry (1975, *A Ferramenta Imperfeita*) . É a **CONSTRUÇÃO ANTERIOR, A IDENTIDADE QUE JÁ EXISTE. UMA ASSUNÇÃO REFERENCIAL DOS OBJETOS DO DISCURSO, QUE DÁ A ELES UNIVOCIDADE** - «um Sujeito Universal que garante ‘o que cada um conhece’, pode ver ou compreender» (p.49)

FORMAÇÃO IDEOLÓGICA E FORMAÇÃO DISCURSIVA (p.46-52)

Pré-construído: determina o que pode ser dito - é o «toujours déjà-lá» da interpelação ideológica

IMPÕE UMA «REALIDADE», UM «SENTIDO UNIVERSAL»: é parte do processo ideológico quando sujeito se identifica como o «sujeito universal» da enunciação e não questiona os já-ditos

[Pêcheux (1969): esquecimento número dois: da enunciação. Ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, formando famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre pode ser outro. Essa ilusão referencial faz o sujeito acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de forma que o que é dito só pode ser dito com aquelas palavras e não outras.]

FORMAÇÃO IDEOLÓGICA E FORMAÇÃO DISCURSIVA **(p.46-52)**

IIIMPORTANTE: até meados da década de 70: FD tinha fechamento, unidade

A PARTIR DE 80 (Courtine; Marandin, 1981, p.49 apud): FD é heterogênea a ela própria: o fechamento de uma FD é fundamentalmente instável» e se desloca de acordo com embates

FD (Courtine, 1982): retoma Foucault para pensar a **DISPERSÃO E A DIVISÃO DE TODA FD**

p.50-51 - FD para Foucault: deixamos «em suspenso»

Courtine: FD a partir do «primado do interdiscurso» (Maingueneau, 1984)

FORMAÇÃO IDEOLÓGICA E FORMAÇÃO DISCURSIVA

(p.46-52)

Dois modos de existência das FD's:

a) nível do enunciado: feixe de relações que segue regras, mas no interdiscurso. Regularidades antes da visibilidade que tornam, depois, possíveis a sua atualização;

b) nível da formulação: atualização, estado terminal, INTRADISCURSO.

FUNDAMENTAL: interdiscurso produz o intradiscurso e coloca em xeque a coerência e a unicidade deste último

SEQUÊNCIA DISCURSIVA (SD): processo enunciativo e de formulação, em que os embates do interdiscurso das FDs se materializam, se transformam ou se reproduzem no intradiscurso

FORMAÇÃO IDEOLÓGICA E FORMAÇÃO DISCURSIVA

(p.46-52)

Finalmente, retomar CP não-subjetiva:

-FI - FD (QUE SETORNA CONTRADITÓRIA E HETEROGÊNEA)

- FD - RELAÇÃO CONTRADITÓRIA COM O INTERDISCURSO

- SUJEITO: NÃO UMA POSIÇÃO DE AUTONOMIA, MAS UMA PRODUÇÃO NO JOGO DISCURSIVO

- Ex: artigo do PIBIC - Sozo